

Christopher Bollas: um pensamento antifundamentalista na psicanálise

Lia Pitliuk

Lia Pitliuk é psicóloga e psicanalista. Membro do Departamento de Psicanálise, do Espaço Potencial Winnicott e do Departamento de Psicanálise com Crianças do Instituto Sedes Sapientiae, onde é docente em curso de formação de analistas e coordenadora dos grupos *Winnicott: leituras e reflexões*, *EmLinha – Grupo de estudos e pesquisa sobre a clínica psicanalítica online* e *Winnicott e Bollas: trânsitos*. Docente no curso de pós-graduação e em cursos livres do Instituto Gerar. Coordenadora de grupos de estudo sobre Freud, Winnicott e Bollas. Autora do livro *A sustentação de uma clínica psicanalítica em linha* e de artigos e capítulos em livros e revistas especializadas.

Resumo O artigo aponta para a dimensão antifundamentalista do pensamento de Christopher Bollas: um combate permanente a estruturas centralizadas e centralizadoras inerentes à lógica da dominação. São destacadas algumas de suas estratégias: a consideração pela forma, a ampliação da noção freudiana de associação livre, a consideração pela multiplicidade de funções do analista e o olhar pluralista para as escolas e teorias psicanalíticas.

Palavras-chave Bollas; descentramento; pluralismo; psicanálise; dominação; opressão.

DOI 10.70048/percurso.76.67-76

[...] nunca me perguntei se o meu pensar fazia sentido. Eu me comprometia só com um ensaio sobre uma ideia qualquer – objeto transformacional, introjeção extrativa, inocência violenta e assim por diante. Eu não queria saber se fazia sentido porque valorizava a liberdade de pensamento que tinha encontrado [...]. Isso me dava uma liberdade que de outra forma eu não teria [...]. Devo muito aos meus colegas na Itália e na Suécia. Eles me receberam e pudemos nos comunicar sem o poder colonizador de um grupo ideológico determinando que sua posição se tornasse a norma.¹

A opressão e seus efeitos

Em 2024, tivemos o lançamento, no Brasil, de dois livros de Christopher Bollas: *Segure-os antes que caiam*, com sua proposta clínica corajosa e ética, e *O momento freudiano*, com sua vigorosa convocação ao diverso e ao múltiplo. Duas publicações evidenciando, mais uma vez, a orientação da sua obra, reiteradamente voltada ao combate a práticas de dominação tanto nos planos micro e macropolítico da vida social quanto nos campos clínico e teórico da própria psicanálise.

Nas mais variadas esferas, e ao longo de todas as suas publicações, seu pensamento se mantém eminentemente pluralista, opondo-se às práticas de supressão da alteridade onde quer que as localize. Por exemplo: “por mais valiosa que seja cada escola de pensamento, todas são extremistas e, ao eliminarem as outras perspectivas (cada uma das quais atende a uma parte da verdade global), procedem cegadas pelo poder da alucinação negativa”².

¹ C. Bollas, comunicação pessoal em 8 mar. 2025.

² C. Bollas, *China on the mind*, Cap. 12, nota 15. Tradução livre.



*nos funcionamentos
psíquicos contemporâneos,
o autor identifica deteriorações
de grande envergadura,
resultantes de opressões
maciças e cumulativas
vividas no século xx*

Mais que tudo, seus escritos são convites para fora de uma posição de obediência cega a normas e procedimentos, correlata de certos modos de pensar e de operar psiquicamente. De fato, não basta constatar quanto as forças autoritárias seguem se infiltrando em larga escala nas estruturas institucionais e culturais; não basta denunciar quanto elas transmutam as relações intersubjetivas e a vida humana em geral em direções inusitadas e assustadoras. Bollas também se dedica persistentemente a uma tarefa de que a psicanálise sempre se ocupou, e que precisa ser levada adiante sem descanso: estudar este

[...] padrão de relacionamento em que se institui – no campo das experiências, dos saberes, dos modos de vida, da própria sobrevivência – uma divisão entre superiores e inferiores, mandantes e subalternos, exploradores e explorados, sábios e ignorantes, e tantas outras formas em que se dão as relações de poder.³

Descrever, denunciar, combater os princípios de dominação entranhadas no universo intrassubjetivo, nos interstícios do psiquismo humano, com vistas à sua desmontagem: essa é uma das grandes operações da produção teórico-clínica deste autor que, sem dúvida, marcam profundamente o pensamento psicanalítico do século XXI.

Nos funcionamentos psíquicos contemporâneos, o autor identifica deteriorações de grande envergadura, resultantes de opressões maciças e

cumulativas vividas no século xx. Uma forma de censura, diz ele,

[...] organizada não contra conteúdos sexuais inaceitáveis ou conteúdos agressivos, mas contra o direito *de ser do self*. A opressão apareceu em incontáveis formas e histórias – a vida na classe trabalhadora, a opressão contra mulheres e crianças, a dominação de países por ditadores cruéis, aqueles líderes que mandaram milhões de pessoas para a morte, o “trauma cumulativo” de guerras sucessivas, seres humanos sendo absorvidos pelo sistema capitalista, cujas “forças” prevalecem sobre os direitos do homem.⁴

Ele descreve como, nesse contexto, houve um processo de corrosão das capacidades reflexivas, resultando, por um lado, naquilo que o autor chamou de estado de espírito fascista, que se caracteriza pela ligação de forças mentais em torno de uma ideia, eliminando a ambiguidade e a polisssemia. Por outro, tem-se como efeito o funcionamento normopático, modos de pensar com características que, neste mesmo texto, o autor nomeia como operacionalismo, horizontalismo, homogeneização, pseudoestupidez, refração, visiofilia etc. Em 2018, ele é incisivo: “o pensamento reflexivo substituído por uma cintilação refrativa; a articulação linguística transformada em fragmentos sonoros cifrados; a compreensão histórica deslocada por confabulação oportunista”⁵.

São danos psíquicos oriundos das defesas contra o excesso de opressão, num movimento que ele chamou de *retorno do oprimido* (em contraste com o retorno do reprimido, processo resultante da autocensura, eixo da teoria freudiana do funcionamento neurótico):

O reprimido refere-se ao movimento de eliminar da consciência conteúdos mentais específicos. O oprimido refere-se à suspensão ou à distorção do pensamento humano. O reprimido retorna mediante o desvio de ideias. O oprimido alude a uma alteração não dos *conteúdos* da mente, mas das *capacidades* da mente – a maneira pela qual os pensamentos se formam. No debate sobre a trajetória da opressão, notamos uma degradação cumulativa das *formas* de percepção, pensamento e comunicação.⁶



*compreende-se bem,
então, o compromisso maior
de Bollas com a tarefa
de ampliação das capacidades
de processamento psíquico.
Ele se lança à busca de modos
de resistir às formas de opressão
da subjetividade*

São contundentes suas imagens da deterioração psíquica contemporânea: um *esmagado*, um *prejudicado*, um *deformado*, com uma “impossibilidade de transformar o conjunto de conteúdos em ideias capazes de fazer sentido”; e uma cegueira social protetora frente ao fato de estarmos “sobrecarregados por uma gama enorme de problemas aparentemente insolúveis”. Em suma, estratégias de sobrevivência para lidar com o “fardo esmagador de herdar-se um mundo despedaçado”.

Compreende-se bem, então, o compromisso maior de Bollas com a tarefa de ampliação das capacidades de processamento psíquico. Ele se lança à busca de modos de resistir às formas de opressão da subjetividade, de transformar os modos de comunicação, de recepção e de pensamento na direção de desafogamento, de aberturas. Em sua opinião, a proposta psicanalítica se constitui em um dos caminhos privilegiados para isso, desde que retome e mantenha para si a vocação com que se constituiu e da qual, em muitos sentidos, também tende a se desviar: a de se manter desconstrutiva e disseminativa.

Interessou-me, particularmente, a investigação das estratégias de que ele lança mão para essa empreitada, entendendo que serão as que cada analista também deverá tornar suas. Que estratégias permitem que o autor sustente a diversidade de funções analíticas que ele aponta em seus textos? O que lhe possibilita tamanha receptividade emocional, intelectual, perceptiva, em tantos campos de experiência? Como ele mantém um espaço interno tão aberto ao que lhe chega, tanto de fora quanto de dentro de si?

Em sua obra, encontramos um conjunto amplo e diversificado de estratégias que ele utiliza para lidar com essas questões e, aqui, abordaremos uma das mais importantes: a descentralização.

Partamos do seu oposto: a centralização é um recurso organizativo que promove compreensão, ordem, estabilidade, mas hoje já temos uma ideia um pouco mais clara dos preços a pagar pela segurança das âncoras. Bollas, atento aos efeitos empobrecedores e destrutivos da adesão rígida a teorias, ideologias, parâmetros burocráticos e fidelidades institucionais, dedica grande parte de sua obra a combater o que bem podemos nomear como atitudes e movimentos fundamentalistas – no pensamento em geral, e na psicanálise em particular.

A questão do centro

É o próprio Freud quem situa a psicanálise como a terceira grande promotora do deslocamento dos centros. Primeiro o homem teve que reconhecer que a Terra não é o centro privilegiado do universo; depois, que o próprio homem não é o centro da criação divina e nem mesmo um centro privilegiado do mundo animal. Finalmente, então, a psicanálise nos teria dado um terceiro grande golpe ao nos fazer reconhecer que o Eu não é o centro da subjetividade⁷.

Mas o percurso freudiano fez muito mais, deslocando a própria subjetividade de um alojamento “em si mesma”: a teoria da sedução aponta para uma gênese exógena da subjetividade – questão que será contestada e retomada de várias maneiras ao longo da história da psicanálise. Muito

3 L. Pitliuk, “Christopher Bollas: por uma psicanálise contracolonial”, *Cadernos de Psicanálise* (CPRJ), v. 44, n. 46, p. 57.

4 C. Bollas, “Psicanálise na Era da Desorientação: do retorno do oprimido”, *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 49, n. 1, p. 51.

5 C. Bollas, “Resuscitation”, in *Meaning and melancholia: life in the age of bewilderment*, p. 68. Tradução livre.

6 C. Bollas, “Psicanálise na Era da Desorientação...”, p. 52.

7 S. Freud, “Uma dificuldade no caminho da psicanálise”, in *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*.



*o descentramento
é um movimento de toda
a cultura ocidental – na arte,
na filosofia, na ciência, na política –
com cada campo contaminando
os outros, produzindo grandes
mudanças no pensamento
ao longo do século xx*

sinteticamente, e só a título de exemplo, lembremos que Lacan enfatiza que o sujeito se constitui em relação ao desejo e à linguagem do Outro, que o antecede e o estrutura; ou seja, o “centro”... está fora. Em Laplanche e em Winnicott já encontramos sublinhada a noção de *encontro* como fundamento do sujeito: Laplanche trabalhando com a categoria de *mensagem* em que se combinam o que é proposto pelo outro e o trabalho de metabolização realizado pelo futuro sujeito; e Winnicott focando a noção de *gesto espontâneo* proposto pelo futuro sujeito e que, sendo respondido por um movimento sintônico do outro, propicia a constituição subjetiva. Ou seja, o centro não está ocupado por um indivíduo ou uma estrutura, mas por uma espécie de “negociação” inconsciente que estamos sempre investigando.

Notemos que o descentramento é um movimento de toda a cultura ocidental – na arte, na filosofia, na ciência, na política – com cada campo contaminando os outros, produzindo grandes mudanças no pensamento ao longo do século xx. É assim que, por exemplo, a Europa veio perdendo o lugar de centro do mundo em oposição aos “selvagens” ou “primitivos”; que o adulto veio saindo da posição central que deixava para as crianças o lugar de uma versão mais primária de si mesmo; que a ciência deixou de ser o único saber válido, fazendo com que práticas não exatamente científicas passassem a ser validadas como práticas alternativas. Do mesmo modo, as operações de

descentramento também na psicanálise se multiplicaram – como, por exemplo, com a retirada da genitalidade heterossexual da posição de centro da sexualidade humana.

Entretanto, se podemos identificar claramente – tanto na cultura em geral quanto na psicanálise em particular – movimentos intensos na direção do descentramento, também nos defrontamos, permanentemente, com os de recentramento – um modo de pensar que supõe que as coisas precisam ter um centro, uma base, um eixo, um fundamento. Uma ideia do Um, de algo único, acima e melhor do que os outros, legitimando, fundamentando e autorizando.

Essa é uma arquitetura de dominação, que tende a obscurecer os outros elementos, a diminuir a importância do resto – aliás, que nos faz usar a palavra “resto”. A centração sugere a existência de um elemento essencial, em contraste com o que seria o resto, coisas secundárias, de menor valor. E se isso regeu muito do pensamento em tantos campos, a psicanálise evidentemente não se manteve alheia a esse modo de operar. Encontramos essa ideia, por exemplo, na concepção de que os assim chamados “restos diurnos” seriam apenas gatilhos ou pontos de partida para a construção do sonho, mas a energia, o valor e o significado do sonho residiriam no inconsciente recalcado. Aí estaria o “filé mignon” do psiquismo, e também da análise. Em outras palavras, as ideias recalcadas seriam o *eixo* ou o *centro* do processamento psíquico – e, portanto, da clínica analítica –, cabendo ao “resto” o papel de eliciador e de pista para se chegar a elas.

Vê-se bem, aqui, a estrutura centralizadora em que há algo fundamental e, em torno dele, estaria o pouco importante. Esse, talvez, seja o pior saldo da metáfora geológica freudiana que, ao mesmo tempo que favorece o pensamento, também nos conduz a equívocos. A metáfora geológica traz essa ideia de que o inconsciente, ou o recalcado, ou o infantil, estão “lá embaixo”, por trás de tudo; e uma das consequências mais nefastas dessa concepção do psiquismo é supor que o que aparece na superfície são coisas pouco importantes, um tanto descartáveis.

Sem dúvida, deslocar continuamente o centro é uma operação de primeira grandeza e tem efeitos cruciais, mas ainda é muito diferente de renunciar à centração. A psicanálise, ela própria, promovia esses deslocamentos, mas sempre colocando outras coisas em lugar central: o sexual... o inconsciente recalçado... a pulsão... o complexo de Édipo... o falo ou a castração... a mãe... a transferência... A cada momento, ou em cada teoria, aparece uma argumentação forte para provar que alguma determinada coisa ou conceito merece esse lugar de fundamento de toda a construção subjetiva, do universo psicopatológico, da teoria ou do processo clínico.

Isso é problemático porque, como dizíamos, passamos a reverenciar esse elemento. Colocar algo como centro ou fundamento faz esse algo ter posição de poder em relação às outras significações: aquilo, considerado tão maior que os outros temas, limita os movimentos, interrompe as possibilidades associativas e criativas, tira a nossa liberdade, paralisa a produtividade psíquica.

Sem centro?

Penso que essa estrutura centralizada e centralizadora muito contribuiu para tornar o século xx tão pressionado, constrangido, imprensado, torturado; e o trabalho de resistência desenvolvido por Bollas, desde dentro da psicanálise, me parece operar numa espécie de nível “arquitetônico” das ideias: a multiplicação das operações de descentramento produzindo a abertura para conceber uma infinidade de “pontos nodais”, de modo que a ideia de centro, de um grande pilar, vai perdendo o sentido.

Era assim que se dizia, um pilar, ou no máximo alguns poucos grandes pilares, três ou quatro, fundamentos de todo o “resto”. Mas o autor identifica, no modelo freudiano do trabalho onírico, um outro modo de operar que retira o *conteúdo* do lugar central e nos convoca à consideração pela multiplicidade de formas que se apresentam nos encontros com pessoas, com objetos, com ideias,

»
*chego a brincar,
imaginativamente, com
a representação de um Bollas
duende, como aqueles
da fábrica do Papai Noel
que ficam trabalhando
durante a noite;*

com qualquer coisa. É o que se dá também no sonho, ou no brincar, quando deixamos de pensá-los só como representações de um conteúdo oculto. Diz Bollas:

Aqui o inconsciente é uma inteligência da forma. Suas capacidades proprioceptivas recebem dados endopsíquicos do depósito inconsciente; este também registra as experiências “psiquicamente valiosas” do dia, classificando-as ao longo do dia em uma espécie de antessala pré-onírica, e então organiza milhares de pensamentos, surgindo por meio do espaço intermediário da experiência vivida, para serem sonhados.⁸

E é com essa inspiração que ele desenvolve um modo inclusivo e compósito de operar, sempre dedicado a subverter padrões hierárquicos de relação, a combater a lógica da dominação, o que resulta na construção de pontes entre escolas de psicanálise, entre conceitos, entre modos de funcionamento mental. Chego a brincar, imaginativamente, com a representação de um Bollas duende, como aqueles da fábrica do Papai Noel que ficam trabalhando durante a noite; um duende “tecendo sinapses” entre ideias, entre pensadores, entre práticas. E, com isso, constituindo redes que vão se espalhando por todos os campos.

É assim que, por exemplo, por mais que ele valorize a produtividade inconsciente – e ele a valoriza muitíssimo – ele não situa o inconsciente como chave de tudo. No momento do colapso,

8 C. Bollas, *O momento freudiano*, p. 129-130.



para Bollas,
a articulação idiomática
se dá sempre no encontro.
O idioma mais pessoal,
ele diz, se constrói,
se afirma e se enriquece
necessariamente
nos encontros

por exemplo, que é o tema do *Segure-os antes que caiam*, o autor sublinha a importância de dar também um lugar muito significativo à consciência, aos recursos egoicos conscientes do analisando em colapso. Ou, então, por mais que valorize a relação mãe-bebê – e ele sem dúvida a valoriza – ele não deixa de lado as considerações ligadas à triangulação, ao complexo de Édipo, ao recalcado. Uma coisa é importante, a outra coisa é importante.

Bollas lança mão de muitas estratégias para essa jornada. Entre elas, sublinhemos a inclusão da *forma* como elemento tão importante quanto o conteúdo. Essa vem sendo também uma marca do século XXI, na psicanálise e em vários outros campos, e ele trabalha todo o tempo em prol da abertura do psiquismo à consideração pela forma, consideração pela experiência estética e pela articulação do que ele chama de *idioma pessoal*.

Em “O objeto transformacional”⁹, o autor reflete sobre a experiência da criança em relação ao seu primeiro objeto que, nesse início, seria experienciado menos como um objeto e mais como um *processo* que transforma os meios interno e externo do bebê. Um processo transformacional conhecido – e recordado – enquanto experiência estética, que será permanentemente buscada ao longo da vida, das mais variadas maneiras.

Ele fala, por exemplo, da mãe que entra silenciosamente no quarto do seu filho pequeno, acorda-o de leve ainda no escuro da janela fechada, com todo o cuidado para não assustá-lo, fala muito

baixo etc.; contrasta com outra que entra cantando e alegre, abre as cortinas, pega o bebê no colo, brincando com ele... Idiomas. Idiomas que vão reverberar de mil maneiras pela vida afora. E, claro, podemos pensar em variações idiomáticas infinitas: a mãe que não entra no quarto para acordar o bebê. A que não deixa o bebê dormir. A que leva o bebê ao quarto dela, ou à cama dela. A que prefere que o bebê durma em outra casa. Idiomas.

Sem dúvida, temos que nos cuidar com as metáforas, como dizíamos há pouco, pois a imagem do idioma traz também armadilhas recentralizadoras, que se concretizam quando se lê um autor com muita rapidez. O termo “idioma” muitas vezes faz pensar no verbal, quando de fato ele está se referindo a todas as formas sensíveis e expressivas para bem além do sentido: os afetos, os impulsos, as manifestações corporais, as sensibilidades de todos os tipos... A sua noção de idioma pessoal é muito abarcativa, e é totalmente descentralizada.

E outra armadilha, na expressão “idioma pessoal”, está em imaginar que se trataria de um “próprio” de um sujeito já constituído e fechado. Bem ao contrário: para Bollas, a articulação idiomática se dá sempre no encontro. O idioma mais pessoal, ele diz, se constrói, se afirma e se enriquece necessariamente nos encontros. Podemos recorrer à imagem de rede para falar disso – rede, malha, teia. Talvez pensar numa “racionalidade ecológica”: assim como num ecossistema diverso e sustentável, nós estamos, somos e vamos nos transformando sempre nos encontros. Nada parecido com um idioma que se afirma em si mesmo, por si mesmo, *contra* o mundo. Nada parecido com isso.

Outra batalha de peso em prol do pluralismo está em seu modo de pensar as teorias psicanalíticas e as escolas de psicanálise, que às vezes mais se parecem com igrejas do que com espaços de pensamento. Ele vê a fixação em um único ponto de vista como uma forma de “genocídio intelectual”, exatamente por sua aderência a algo que seria “central”.

Os movimentos psicanalíticos geralmente (mas nem sempre) são formados em torno de uma figura carismática e se tornam cultos que usam as palavras e ideias de



tal figura para unir sua comunidade. Com isso, os movimentos psicanalíticos neutralizam a evolução criativa da psicanálise. Essa é uma característica da pulsão de morte, uma vez que os movimentos se encerram em si mesmos e não investem em ideias de outros grupos psicanalíticos ou de outros escritores da psicanálise.⁹

Em vez de buscar um único centro ou fundamento de algum tipo de “verdadeira psicanálise”, ele defende a multiplicidade de formas de apreender e de pensar a psique: cada uma abordando alguns aspectos da experiência humana, envolvendo seus próprios conceitos, métodos e modos de intervenção. Aliás, ele nos faz notar quanto era isso que se dava no trabalho do próprio Freud:

Cada uma das perspectivas de Freud tornou-se um espaço de holding ideacional, coletando impressões derivadas de seu trabalho clínico. Sua teoria dos instintos recebeu a resistência do analisando a, ou a expressão de, impulsos corporais. Os lapsos de linguagem foram referidos ao seu modelo linguístico. As angústias da infância à sua teoria do trauma. Poder-se-ia continuar.¹⁰

E é desta mesma posição perspectivista, como nomeada por Amnérís Maroni, que ele nos propõe pensar as teorias como *formas de sensação*:

As teorias são pontos de vista. Cada teoria vê algo que as outras teorias não veem. São formas de sensação. O que captamos com os olhos é diferente do que captamos com os ouvidos. O que percebemos da realidade por meio do sentido olfativo é diferente do que recebemos pelo toque. A teoria é um fenômeno metassensual. Algumas teorias são melhores que outras, do mesmo modo que é possível dizer que a visão provavelmente é usada com mais frequência do que o olfato na percepção da realidade. Então, para mim, o pluralismo é, em seu núcleo, uma teoria da percepção, e dizer que é preciso se tornar um kleiniano ou um lacaniano, excluindo as outras teorias,

*o autor valoriza muitas
coisas das obras de Winnicott,
de Bion, de Lacan,
de muitos autores, sem
posicionamentos reverentes
em relação a nenhum deles.
Nem mesmo a Freud*

é tão absurdo quanto dizer que é preciso se tornar um defensor da escuta, ou um cara da visão, ou do tato, ou um farejador.¹²

As teorias como formas de sensação ficam disponíveis no pré-consciente do analista, do mesmo modo que temos nossos sentidos disponíveis para apreendermos o mundo; que “se alojem em seu inconsciente receptivo, sem que ele as mantenha sob seu foco. Caso contrário, situadas em posição de poder sobre as significações – ou seja, em posição colonial –, esses objetos interrompem a produtividade inconsciente: é quando então o remédio se transforma em veneno. De fato, o autor valoriza muitas coisas das obras de Winnicott, de Bion, de Lacan, de muitos autores, sem posicionamentos reverentes em relação a nenhum deles. Nem mesmo a Freud. Ele discorda de alguns aspectos do pensamento de uns e de outros, e vai compondo, vai costurando articulações. Com Paula Heimann, com M. Klein, com Balint, com os psicanalistas italianos. Uma aranha tecendo uma teia, um duende trabalhando numa “fábrica das sinapses”.

Na clínica

Como não poderia deixar de ser, este permanente combate às concepções e às verdades universais se evidencia na maneira de Bollas conceber o trabalho clínico do analista. Em primeiro lugar, ele

9 C. Bollas, “O objeto transformacional”, in *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado*.

10 C. Bollas, *O momento freudiano*, p. 28-29.

11 C. Bollas, “The psychoanalyst’s use of free association”, in *Being a character: Psychoanalysis and self experience*, p. 102. Tradução livre.

12 C. Bollas, *O momento freudiano*, p. 29.



*o mais essencial...
é não apostar em essências,
entendendo que o corporal,
o ideacional e o afetivo
estão permanentemente
articulados, sem que nenhum
mereça lugar de prevalência*

pensa uma multiplicidade de funções, de lugares, de posições que o analista assume – ou melhor, que precisa *poder* assumir – em seu trabalho. Em “Off the wall”, referindo-se a quatro delas, diz:

Mas cada uma dessas perspectivas – o analista como sujeito, como tradutor de discurso em transferência [...], como alguém que empatiza [...], ou como um ouvinte minimalista dos murmúrios do outro – é importante, se entendida como um elemento no campo total da prática analítica. Nós deveríamos encontrar uma maneira de integrar os muitos elementos dessas diferentes ênfases a fim de criar nossa própria prática.¹³

Então, por um lado, temos sua ideia de funções múltiplas do analista – aliás, justamente, título de um de seus artigos¹⁴. Em paralelo, é também de modo pluralista que ele pensa quais objetos merecem a atenção do analista, nisso retomando, com toda a radicalidade, a metodologia freudiana: é nela que Bollas apóia tanto suas operações descentralizadoras quanto os movimentos integrativos que caracterizam a sua escrita e a sua prática. Referindo-se então a Freud, escreve:

Um pluralista, às vezes ele era convencido pelo trauma de eventos reais, em outros momentos pelos pensamentos inconscientes por trás destas narrativas manifestas, frequentemente pelas apresentações de palavra derivadas das imagens, por vezes pelos impulsos instintuais que se expressavam através dos objetos de representação, e de

vez em quando pela transferência do paciente. Sua teoria da sobredeterminação permite uma visão pluralista que preconiza que nenhuma verdade explica exhaustivamente um fenômeno, um sintoma ou um sonho: o *character* de uma pessoa carrega muitas verdades.¹⁵

E é a partir dessa clareza que ele produz uma grande ampliação da noção freudiana de associação livre, que em seu pensamento passa a abarcar categorias e subcategorias, levando em consideração não só os movimentos psíquicos individuais, mas também a relação com o ambiente. O mais essencial, na análise, não é a sequência narrativa, ou a dimensão corporal, ou os efeitos de sentido dos sons das palavras, ou a transferência, ou o devaneio do analista, ou qualquer outra coisa. Não é assim que ele trabalha. Diríamos, talvez, que o mais essencial... é não apostar em essências, entendendo que o corporal, o ideacional e o afetivo estão permanentemente articulados, sem que nenhum mereça lugar de prevalência.

Um dos exemplos mais bem acabados disso é sua metáfora da sessão clínica como partitura sinfônica:

Imagine que o movimento temporal dos discursos do analisando seja um eixo horizontal, da esquerda para a direita, do início da sessão ao fim da hora. Então, imagine um eixo vertical que consiste em diferentes categorias de apresentação ou representação inconsciente. Cada uma dessas categorias tem sua própria linha de movimento – sua própria lógica, se preferir –, e muitas vezes elas convergem para criar pontos nodais, mas não são as mesmas.¹⁶

O autor ressalta que sua metáfora não pretende ser uma representação do inconsciente, e sim um recurso para apreendemos a complexidade e a diversidade das formas de expressão, assim como suas possibilidades de articulação. A escolha da música como referência imaginativa é especialmente interessante, permitindo-nos conceber como diferentes correntes de pensamento podem soar separadamente, cruzando-se em determinados momentos (os chamados pontos nodais), mas mantendo trajetórias próprias.



Se imaginarmos cada categoria como um instrumento musical simbólico – uma, o violino; outra, a flauta –, então a metáfora sinfônica se torna mais rica porque você pode ver como os instrumentos tocam em momentos diferentes, às vezes juntando-se a outros, às vezes sozinhos, às vezes todos juntos – mas separadamente –, formando uma peça e, embora eu não queira forçar essa metáfora além da credibilidade (e talvez esteja fazendo isso), não obstante, penso que nos ajuda a ver que existe algum modo de *orquestração* no pensamento inconsciente.¹⁷

Ele fala em categorias, em analogia aos instrumentos em uma orquestra sinfônica: relacional, fonêmica, sonora, corporal, linguística, imaginária etc. Categorias que se movem e se transformam; categorias que, agrupadas, podem expressar um mesmo pensamento. O que mais nos interessa, neste momento: nada em posição central, enquanto algumas escolas psicanalíticas tendem a se concentrar em uma categoria como a “fundamental”: a transferência, ou a relação de objeto, deixando assim de lado a complexidade do psiquismo.

Des-primir como princípio

É no mesmo sentido que encontramos, em sua obra, tantos outros exemplos de sua prática pluralista, ou perspectivista. Por exemplo, na bela metáfora do psiquismo como uma “assembleia democrática” em que qualquer elemento merece ser levado em consideração, em que não haja preeminência *a priori* de nenhum dos elementos. Discurso, afetos, sensações, comunicações, estados de corpo – do analisando e do analista: todos têm a possibilidade de assumir protagonismo, comportar-se, opor-se, calar-se.

para escaparmos
dos rebaixamentos de
“palavras de ordem” ou
palavras da moda, e nos
conectarmos com as potências
transformacionais do seu
pensamento, é necessário ler
e reler Bollas

Nossas mentes são complexas demais para se tratar de apenas uma coisa, seja uma ideia reprimida, um derivado do id, a transferência ou qualquer coisa. Na realidade, se em algum momento do tempo psíquico pudéssemos dar uma olhada na sinfonia inconsciente, isso seria uma vasta rede de combinações criativas.¹⁸

Nada de um fundamento, uma base, um pilar. Nada que reduza a experiência ao já sabido – o que, evidentemente, impossibilitaria o *acontecimento* do encontro. Sua obra é marcada por uma diversidade de operações de descentramento, em clara oposição a modelos reducionistas, hierárquicos, essencialistas.

Claro, é muito grande o risco de enunciar essas palavras deste modo, em conjunto – palavras já tão desgastadas pelo uso e, ainda mais, pelo mau uso. Para escaparmos dos rebaixamentos de “palavras de ordem” ou palavras da moda, e nos conectarmos com as potências transformacionais do seu pensamento, é necessário ler e reler Bollas, vê-lo trabalhando através de seus relatos clínicos e suas teorizações. Aliás, não só *vê-lo* trabalhando, mas trabalhar com ele nas disseminações infinitas, para todos os lados, que promovem o enriquecimento idiomático – e, assim, da vida.

Que, sublinhemos, é plural “na veia”.

13 C. Bollas, *Off the wall*, p. 56. Tradução livre.

14 C. Bollas, “The psychoanalyst’s multiple function”, in *Forces of destiny: Psychoanalysis and human idiom*. Tradução livre.

15 C. Bollas, “The psychoanalyst’s use of free association”, p. 101-102. Tradução livre.

16 C. Bollas, *O momento freudiano*, p. 60-61.

17 C. Bollas, *op. cit.*, p. 63.

18 C. Bollas, *op. cit.*, p. 65.

Referências bibliográficas

- Bollas C. (1987/1992). O objeto transformacional. In *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1989/2019a). Off the wall. In *Forces of destiny: Psychoanalysis and human idiom*. London: Routledge.
- _____. (1989/2019b). The psychoanalyst's multiple function. In *Forces of destiny: Psychoanalysis and human idiom*. London, Routledge.
- _____. (1992). The psychoanalyst's use of free association. In *Being a character: Psychoanalysis and self experience*. London: Routledge.
- _____. (2007/2024). *O momento freudiano*. São Paulo: Nós.
- _____. (2013). *China on the mind*. London: Routledge
- _____. (2013/2024). *Segure-os antes que caiam*. São Paulo: Nós.
- _____. (2015) Psicanálise na Era da Desorientação: do retorno do oprimido. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 49, n. 1, p. 47-66.
- _____. (2018) Resuscitation. In *Meaning and melancholia: life in the age of bewilderment*. London: Routledge.
- Freud S. (1917/1976) Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Pitliuk L. Christopher Bollas: por uma psicanálise contracolônia. *Cadernos de Psicanálise (CPRJ)*, v. 44, n. 46, p. 55-75. Disponível em <http://cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/article/view/363/231>.

Christopher Bollas:

an anti-fundamentalist thought in psychoanalysis

Abstract: The article highlights the antifundamentalist dimension of Christopher Bollas's thought: a continuous struggle against centralized and centralizing structures inherent to the logic of domination. Some of his key strategies are emphasized: attention to form, the expansion of Freud's notion of free association, the consideration of the analyst's multiple functions, and a pluralistic perspective on psychoanalytic schools and theories.

Keywords: Bollas; decentering; pluralism; psychoanalysis; domination; oppression.

Texto recebido: 03/2025

Aprovado: 02/2026